

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora (P. Alegre)

Class.: GIN 01/305

Data: 09.02.81

Pg.: \_\_\_\_\_

### Um casamento diferente em Viamão: o de índios

Os noivos, porém, casaram na tradição da Igreja Católica. Ela de véu e grinalda

Viamão viveu um casamento diferente no sábado pela manhã, quando um casal de índios guaranis procurou pelo padre Bernardo para se unir segundo os hábitos dos brancos.

Certamente que Maria Saleta e Rubens Galvão não foram os primeiros índios a receberem, durante os 240 anos de existência da Igreja Nossa Senhora da Conceição, as bênçãos nupciais. Mas foram os primeiros, acompanhados por seus padrinhos e parentes, a encherem nestes últimos 28 anos, com suas vestimentas alegres e coloridas o desbotado e antigo ar que é a primeira paróquia do Estado, valendo-se para tal da já esquecida Lei dos Vagos.

Bugres oriundos de Mato Grosso, chegaram há alguns meses ao Rio Grande do Sul, acompanhando sua tribo em andanças por aqui e por ali, como preferem definir seus deslocamentos, vendendo suas ervas e "conhecendo os pagos". Ela, Maria Saleta, tem 17 anos e sempre viveu com sua família e companheiros de tribo. Rubens, de 19 anos, segue o mesmo caminho, quebrando apenas com os rituais de seus velhos ancestrais quando decidiu casar-se em um igreja.

Embora os costumes das tribos guaranis sejam outros, Maria Saleta optou pelo vestido branco clássico de uma noiva. Usou véu e grinalda e acompanhou o noivo, de óculos escuros, utilizados como mais um adorno para enfeitar-se. Ele vestiu calças azul-marinho, camisa branca e uma larga gravata marrom. Os padrinhos e alas usaram e abusaram do vermelho, do amarelo, do laranja e

do rosa, emprestando ao ambiente tonalidades que denunciavam o contraste entre o gosto e a estética do "civilizado" e os do "primitivo".

Um pouco tímidos, entraram na igreja num bloco só. O padre Bernardo já esperava e com muita calma iniciou os rituais dos católicos sem nenhum contratempo. De quando em vez, repetia algumas palavras, a que a noiva — quem sabe por estar nervosa ou por não conhecer muito bem os ritos do casamento religioso católico — ficava sem saber o que responder. Mas nem por isso chegou a intimidar-se. Os padrinhos a socorriam às vezes e logo tudo ficou resolvido. Na saída, continuaram rodeados pelos padrinhos. Depois tomaram uma camionete Caravan e se dirigiram para a festa que iniciara na sexta-feira, na Vila Augusta, onde estão acampados.

O motivo do casamento na Igreja Católica é porque "não queremos se amontoar, não é Dona?", diz o noivo. Saleta é sua primeira namorada e os casamentos de sua tribo, em geral são arranjados pelos pais, que decidem o que melhor serve para seus filhos. O namoro começou há um ano e meio. "Mas a gente não ficava sozinho. Sozinho não pode. Só prosar, nada de outras coisas".

— E filhos vocês vão ter?

— Se Deus quiser, sim. Não é, Dona?

A gente mora assim, em barracões. Viajando sempre por aí. Se der... a gente vai ter."

— E os pais de vocês por que não vieram?

— Porque se sentiram envergonhados, respondeu Billa, uma das madrinhas.

Berenice-Bittencourt (textos) e Valdir Friolin (fotos)



A tradicional saída da Igreja

### O churrasco correu solto na festa

A festa de casamento começou na sexta-feira. Entre as barracas armadas no centro do terreno, um grande toldo cercado com duas ou três taquaras abrigava uma grande mesa, bancos reservados para os noivos e o conjunto que o cacique Gustavo diz ter pago Cr\$ 4.500,00 para tocar durante os três dias da recepção. O churrasco correu solto e como bebida havia apenas cerveja, que as crianças bebiam tranquilamente, "porque não há mal nenhum, Dona", respondeu uma das índias, enquanto uma vovó de 110 anos contestava:

— "Eu bebo pinga, sim. Bebo e vivo no mato".

Os que antes usavam penas, cocares e tangas, hoje trajam bombachas e vestidos semilongos que recordam os da campanha gaúcha. Na sua luta e resistência à conservação de uma cultura praticamente condenada à extinção, vão mesclando costumes como uma ponta de lança à sua própria condição de sobrevivência enquanto seres não integrados totalmente dentro do sistema industrial de hoje, mas já defasados de sua condição de bugres, da vida da caça e pesca nos já extintos matos, em que viviam.

O cacique Gustavo, grandes olhos azuis, em seus 76 anos de existência passou de tudo um pouco, desde os tempos em que com 25 anos "ainda apanhava de reiho do meu pai, que era afilhado do Getúlio Vargas", até a vida nos matos da Paraíba onde cultivava os rituais de sua tribo. Seu pai nasceu de uma tribo aqui do Sul e lhe ensinou os costumes que deveria cultivar. Entretanto, o contato com a civilização branca e a própria pressão dos meios a que são obrigados a entrar em contato modificam suas relações e seus conceitos. Diz o cacique Gustavo:

— Agora são poucos os que se casam como antigamente, como nós fazíamos. Antes, quem celebrava o casamento era eu, o cacique. Essa religião é nova. Não é nossa religião. Nós somos gente dos bugres. Estamos aqui há quase duas semanas. A minha lei era a da entrega dos noivos por seus pais ao cacique, que era o responsável pelos dois. A gente fazia uma grande festa. Ia nos matos, caçava e pescava bastante, e dava festas que duravam muitos dias. Depois o cacique armava a tenda dos noivos e os entregava.

— Agora existe essa nova lei. E todo mundo quer casar nela. A gente tem que pegar a nova lei. Nós gostamos dela e estamos cumprindo o sistema gauchesco. Mas algumas coisas vão continuar como antes. Os noivos vão permanecer no meu toldo até segunda-feira, como mandam os nossos costumes. Agora nós entramos nessa lei domesticada, sabe como é? A gente vivia muito bem de comer bichos pelo mato afora.

— E o pessoal, por que está vestido de gaúcho?

— Nós pegamos o sistema do gaúcho porque lá em Campo Grande, no Mato Grosso, só tem gaúcho. Todo mundo usa bombacha. Nós viemos para cá vendendo ervas que curam qualquer doença. Tem erva pra reumatismo, pra coluna, pros nervos. Vamos ficar aqui em Viamão vendendo as ervas de chá-remédlo. Depois, quando faltar, vou buscar mais. Nunca me fizeram problema por causa disso. Tenho documentos, tenho tudo. O pessoal anda sempre curioso porque nós temos saúde. Mas sempre tomamos as ervas.

— E o casamento dos índios como é? É para sempre?

— É pra sempre sim. Só se errar do lado dela. Do lado dele não erra. O noivo não erra porque não aguenta o castigo. Se ele errar, vai para a estaca durante 24 horas. E aí ele não aguenta. Não gosto da mistura com as brancas. Nós índios, não gostamos de namorar. Nada de se beijar e ir se atirando em cima dos colchões. Aqui tem família, tem crianças. Uma vez, uma polaca me tirou um rapaz muito bom. Desculpa, mas não gosto que os bugres se casem com gente de fora. Eu não gosto desse sistema moderno. Já vi muita coisa feia por aí. O pessoal de fora não tem respeito. Os nossos costumes se alteraram muito e a moçada também.

— Vocês estão sempre viajando. As crianças não vão à escola?

— Até agora elas não foram. Mas vou botar a placada a aprender a ler, sim. Até agora não precisamos saber ler. A gente tem nossas propriedades e não falta nada. E se até agora não fez falta é porque não vai fazer. A gente vive do mesmo jeito. A gente não confia muito na brancalhada. Existem umas leis por aí. Mas elas não vão acabar com os índios. Os índios vão existir sempre, de qualquer maneira.



Feste animada

### O padre nunca havia casado índios antes

Durante seus 28 anos de sacerdócio o pároco da Igreja Nossa Senhora da Conceição em Viamão, padre Bernardo, nunca havia casado índios, nem utilizado a lei dos Vagos. Explica que a lei é uma cláusula da Igreja Católica e serve para casar aqueles que não têm um paradeiro fixo como é o caso dos bugres, dos ciganos e outros povos nômades.

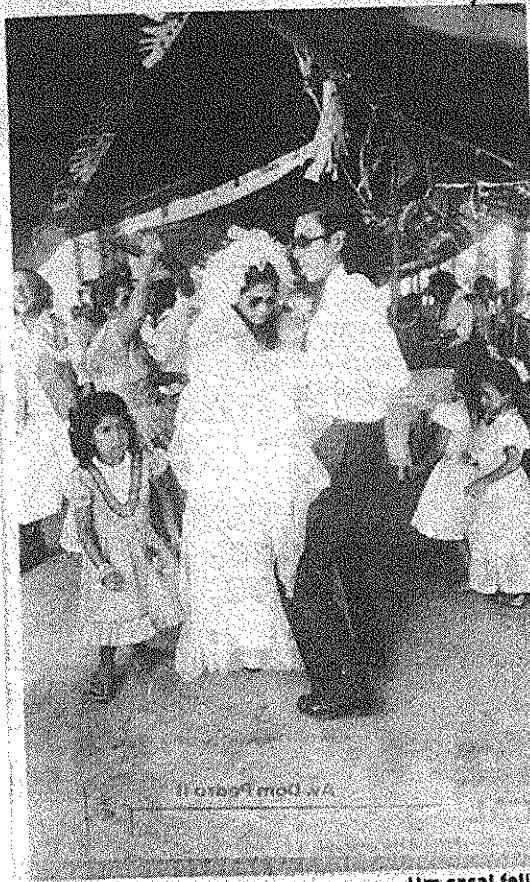
Para ele, enquanto padre, a realização do casamento pelas leis da igreja tem o mesmo significado de união para qualquer cristão.

O fato de ter casado duas pessoas pertencentes a uma tribo guarani, vinda do Mato Grosso, não significa nenhuma novidade. Representa apenas o resultado de um trabalho que vem sendo feito por outros padres catequizadores. Não entrando no mérito da descaracterização cultural — dos índios abandonarem seus próprios costumes e aderirem a outros pela imposição dos brancos — reconhece, entretanto, que mesmo assim não deixaram de preservar sua própria moral.

— Quem acerta o casamento são os pais. Não é fácil dizer para eles o que devem fazer. Temos também de observar seus costumes.

Durante o sermão da cerimônia, padre Bernardo pediu aos noivos que procurassem uma escola para se alfabetizarem. Entende o sacerdote que o fato de não saberem ler consiste para os índios, perante o mundo branco, um fator de humilhação pessoal. "Sentem-se envergonhados. Na cerimônia não pedi para que assinassem os papéis, porque iriam ficar constrangidos. Qual é a pessoa que não quer saber ler, ser alfabetizada?"

Ao contrário do que necessitariam para um casamento civil, Saleta e Rubens não precisaram apresentar a certidão de nascimento. Os documentos utilizados foram as certidões de batismo, que já haviam sido feitas em viagens por Pelotas e Santo Antônio. Entretanto, embora casados pelo religioso, os noivos pretendem regularizar sua situação também no civil, assim que Saleta completar sua maioridade.



Um casal feliz